

Hortas escolares em Vancouver, Canadá como parte da “segunda geração” da soberania alimentar¹

*School gardens in Vancouver, Canada as part of the “second
generation” of food sovereignty*

*Las huertas escolares en Vancouver, Canadá, como parte de
la “segunda generación” de la soberanía alimentaria*

Estevan Leopoldo de Freitas Coca
Universidade Federal de Alfenas
estevan.coca@unifal-mg.edu.br

Ricardo Barbosa Jr
University of Calgary
ricardo.barbosajr@ucalgary.ca

Resumo

Num processo mais visível no Hemisfério Norte, porém, também presente no Hemisfério Sul, nos últimos anos tem emergido uma série de ações com o intuito de fazer dos espaços urbanos protagonistas dos sistemas alimentares locais, fato que demarca a “segunda geração” da proposta alternativa de soberania alimentar. São exemplos disso, conselhos de políticas alimentares, mercados de produtos locais, hortas e pomares urbanos e outros. Com base em tal referência, nesse texto é feita uma análise da implementação de hortas escolares em Vancouver, no Canadá, utilizando o método qualitativo. Destaca-se que, apesar de serem efetivadas em escolas públicas, os maiores responsáveis por tais iniciativas são Organizações Não-governamentais (ONGs) que desenvolvem projetos de promoção da agricultura local e de educação alimentar.

¹ Essa pesquisa foi realizada durante o período de estágio doutoral internacional do primeiro autor e estágio internacional do segundo, ambos os autores foram orientados pela Dr^a. Hannah Wittman. Contou-se com as seguintes fontes de financiamento: i) a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), que concedeu ao primeiro autor uma Bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior (BEPE) para o desenvolvimento do projeto de pesquisa *Stragies for construction of food security and food sovereignty in Canada* entre novembro de 2014 e outubro de 2015 junto a *University of British Columbia* (UBC), em Vancouver, no Canadá e; ii) o programa *Mitacs Globalink*, que promoveu o estágio de pesquisa da qual participou o segundo autor, realizado no *Institute for Resources, Environment and Sustainability* (IRES) e *Faculty of Land and Food Systems*, também na UBC, em Vancouver, no Canadá.

Palavras-chave: Soberania alimentar; Vancouver School Board; Farm to School BC; agricultura urbana; hortas escolares.

Abstract

In recent years a series of actions in order to turn urban spaces into protagonists of local food systems has emerged, as part of a process that is more visible in the Northern Hemisphere – but also present in the Southern Hemisphere – a fact that marks the "second generation" of the alternative proposal of food sovereignty. Examples include food policy councils, farm markets, urban gardens, orchards and others. Based on these references, this paper offers an analysis of the implementation of school gardens in Vancouver, Canada, by using the qualitative method. It is noteworthy that, despite taking place in public schools, those most responsible for such initiatives are Non-Governmental Organizations (NGOs) that develop projects promoting local agriculture and food literacy.

Keywords: Food sovereignty; Vancouver School Board; Farm to School BC; urban agriculture; school gardens.

Resumen

Un proceso más visible en el hemisferio norte, pero también presentes en el hemisferio sur en los últimos años, es el surgimiento de una serie de acciones con el fin de hacer los espacios urbanos, los sistemas alimentarios locales, un hecho que marca la "segunda generación" de la propuesta alternativa de la soberanía alimentaria. Los ejemplos incluyen el asesoramiento a las políticas de alimentos, mercados de productos locales, jardines y huertas urbanas y otros. Con base en estas referencias, este texto presenta un análisis de la implementación de jardines en las escuelas en Vancouver, Canadá, utilizando el método cualitativo. Es de destacar que, a pesar de ser efectuado en las escuelas públicas, el más responsable de este tipo de iniciativas son las Organizaciones No Gubernamentales (ONG) que desarrollan proyectos de promoción de la agricultura local y educación alimentaria.

Palabras-clave: La soberanía alimentaria; Vancouver School Board; Farm to School BC; la agricultura urbana; las huertas escolares.

Introdução

Atualmente, como parte da influência que a economia de mercado tem exercido sobre diversas esferas da vida social, um seleto grupo de grandes corporações tem controlado todas as etapas do sistema alimentar global (McMICHAEL, 2003). Tal fato tem criado dificuldades tanto para que milhões de camponeses acessem os mercados como também para que a população de baixa renda do campo e da cidade possa consumir alimentos saudáveis (CLAEYS, 2015; McMICHAEL, 2015; STUCKLER; NESTLE, 2012). Como uma alternativa a isso, desde meados da década de 1990, grupos contra-hegemônicos capitaneados pela coalização internacional de movimentos camponeses *La Via Campesina* têm defendido a proposta de soberania alimentar (DESMARAIS, 2015; WITTMAN; DESMARAIS; WIEBE, 2010). Primeiramente focada mais nas lutas dos camponeses de países do Hemisfério Sul por reforma agrária e acesso aos mercados, nos últimos anos a soberania alimentar também tem sido utilizada

como bandeira de luta por movimentos urbanos (ANDERSON, 2013; NEWMAN; POWELL; WITTMAN, 2015; SCHIAVONI, 2009). Em parte devido a isso, autores como McMichael (2014) e De Schutter (2015) entendem que a soberania alimentar está em sua “segunda geração”. Ou seja, para o entendimento da atualidade da soberania alimentar é fundamental levar em consideração as estratégias que visam fazer com que os espaços urbanos se tornem protagonistas dos sistemas alimentares locais.

Com base em tal perspectiva, nesse trabalho é feita uma análise da contribuição que as hortas escolares de Vancouver, no Canadá, fornecem para o estabelecimento da “segunda geração” da soberania alimentar. Essas iniciativas são parte de um processo em expansão na cidade de Vancouver em que visa-se fazer desse espaço urbano não apenas consumidor de alimentos, mas também produtor (FODOR, 2011; GIBB; WITTMAN, 2012). Destaca-se que, apesar de serem efetivadas em escolas públicas, os maiores responsáveis por tais iniciativas são Organizações Não-governamentais (ONGs) que desenvolvem projetos de promoção da agricultura local e de educação alimentar.

Foram adotados os seguintes procedimentos metodológicos: i) levantamento bibliográfico sobre temas como a soberania alimentar, o sistema alimentar em Vancouver e os desafios e motivações para a implementação de hortas escolares; ii) levantamento documental para melhor conhecimento do sistema alimentar da cidade de Vancouver e dos programas de remodelagem do sistema alimentar que têm sido desenvolvidos em escolas; iii) realização de trabalhos de campo para conhecimento de experiências de agricultura urbana em escolas de Vancouver e; iv) realização de entrevistas com membros de ONGs que têm contribuído com a implementação de hortas escolares.

O trabalho está organizado em três partes, além dessa introdução e das considerações finais. Na primeira é feita uma leitura sobre a proposta alternativa de soberania alimentar, com especial enfoque em sua “segunda geração”. Na sequência são tecidas algumas notas sobre o sistema alimentar de Vancouver. Por fim, demonstra-se como ONGs têm contribuído para a implementação de hortas escolares.

A “segunda geração” da soberania alimentar e o protagonismo dos espaços urbanos na remodelagem dos sistemas alimentares

Desde 1996, a coalização internacional de movimentos camponeses *La Via Campesina* e outros grupos e movimentos têm apresentado a soberania alimentar como uma proposta alternativa ao controle que as grandes corporações têm exercido sobre as diversas escalas e etapas dos sistemas alimentares (ANDRÉE et al., 2014; HOLT-GIMÉNEZ, 2010; PATEL, 2012; WITTMAN; BLESCH, 2015; WITTMAN, 2009). Primeiramente entendida como o direito de cada nação controlar seu próprio sistema alimentar, essa proposta tem evoluído no decorrer dos anos, ampliando sua escala e objetivos (ALONSO-FRADEJAS et al., 2015; De SCHUTTER, 2015; DESMARAIS, 2015; McMICHAEL, 2014). Em uma de suas definições mais completas, a soberania alimentar é entendida como:

[...] é o direito dos povos à alimentação saudável e culturalmente adequado produzido através de métodos ecologicamente corretos e sustentáveis, e seu direito a definir seus próprios sistemas alimentares e agrícolas. Ela coloca aqueles que produzem, distribuem e consomem alimentos no coração dos sistemas e políticas alimentares, em vez de as exigências dos mercados e corporações. Defende os interesses e inclusão das próximas gerações. (FORUM FOR FOOD SOVEREIGNTY, 2007, não paginado, tradução nossa).

A soberania alimentar pontua a centralidade dos mercados locais para o abastecimento de alimentos, ou seja, ela visa criar alternativas ao controle das grandes corporações que atuam em escala global sobre os sistemas alimentares (ALKON, 2013; CLAEYS, 2013; HOLT-GIMÉNEZ; SHATTUCK, 2008; ROBBINS, 2015). Ela possui por centralidade o entendimento de que o alimento deve ser tratado como um direito e não como uma mercadoria (PATEL, 2012; SCHANBACHER, 2013). Ou seja, a questão do acesso aos mercados por parte de produtores e consumidores não pode ser determinada apenas pelos preceitos neoliberais (CLARK, 2013).

Conforme De Schutter (2015), em seus primeiros anos, a proposta alternativa de soberania alimentar foi criticada por centrar-se especialmente nos produtores de alimentos, deixando de lado os consumidores. Contudo, nos últimos anos tem ocorrido a incorporação da agenda da soberania alimentar em espaços como mercados de produtos locais, hortas e pomares urbanos, cozinhas comunitárias, conselhos de políticas alimentares e outros (AKRAM-LODHI, 2015; ANDERSON, 2013; ANDRÉE, 2014). Muitas dessas ações são desenvolvidas em países considerados ricos, fato que transmite duas mensagens: i) mesmo que com elementos e intensidade diferentes, problemas relacionados ao controle das grandes corporações sobre os sistemas alimentares são presenciados em todas as partes do globo e; ii) a soberania alimentar não pode ser lida como uma necessidade exclusiva dos países tidos como pobres do Hemisfério Sul, pois ela é localmente adaptável (SCHIAVONI, 2009). Assim, a proposta alternativa de soberania alimentar agrega uma série de ações que remetem a diversas escalas geográficas e etapas do sistema alimentar e que possuem em comum o objetivo de ir além do mercado capitalista.

A soberania alimentar, como um movimento contrário ao regime alimentar, inclui uma série de lutas, e é evidentemente elástica como discurso e prática. Devido ao fato de que o próprio regime alimentar está em constante movimentação e reestruturação, a soberania alimentar incorpora o movimento (McMICHAEL, 2014, p. 193, tradução nossa).

Nessas condições, atualmente, a soberania alimentar incorpora tanto a luta dos camponeses pobres do Hemisfério Sul pelo acesso à terra e por oportunidades de mercado como a luta de grupos de consumidores de países do Hemisfério Norte para poderem ter acesso a alimentos locais e saudáveis (DESMARAI, 2015). Essa

conjuntura tem sido denominada como a “segunda geração” da soberania (McMICHAEL, 2014), a qual conforme De Schutter (2015) possui as seguintes características: i) a construção de pontes entre os consumidores urbanos e os produtores de alimentos que vivem próximos a eles através de diversas estratégias de reconstrução dos sistemas alimentares locais; ii) o incentivo para que a população torne-se mais ativa na discussão sobre o sistema alimentar; iii) a construção de um maior vínculo social em detrimento da penetração das relações de mercado nas esferas da vida comunitária; iv) a primazia da resiliência sobre a eficiência e; v) a proposição da Agroecologia como uma “visão de mundo” alternativa para o campo.

De tal modo, para efeito desse trabalho, a “segunda geração” da soberania alimentar é uma valiosa ferramenta analítica para o entendimento de ações por parte da população urbana com o intuito de modificar os sistemas alimentares locais. Ou seja, ela destaca como têm crescido o número de pessoas e instituições que procuram fazer das cidades não apenas consumidoras de alimentos, mas também produtores dos mesmos.

Algumas notas sobre o sistema alimentar de Vancouver

Com 640.915 habitantes, Vancouver é a cidade mais populosa da região metropolitana de Vancouver, em British Columbia (BC) (Figura 01). Sua área é de 114.97 km² e devido ao fato de estar localizada próxima a áreas de *Agriculture Land Reserve* (Reserva de Terras Agrícolas) – uma política de zoneamento de terras instituída pelo Governo Provincial – ela é uma das regiões metropolitanas mais compactas da América do Norte (CONDON et al., 2010).

Mesmo sendo essa cidade reconhecida como detentora da 3ª melhor qualidade de vida do mundo (ECONOMIST INTELLIGENCE UNIT, 2015), uma parcela de sua população encontra dificuldade em acessar o mercado de alimentos. São exemplos disso: i) o elevado número de pessoas em situação de insegurança alimentar dentre os *First Nations* (comunidades indígenas), que vivem nas áreas periféricas desse centro urbano (FODOR, 2011); ii) o crescente número de pessoas que têm buscado ajuda em bancos de alimentos nos últimos anos (FOOD BANKS CANADA, 2014) e; iii) cerca de 2.000 estudantes de escolas públicas não possuem acesso a um adequado programa de alimentação escolar (BRAMHAM, 2015).

Vale ressaltar que, anualmente a população da região metropolitana de Vancouver gasta cerca \$ 5 bilhões com alimentos. Contudo, apenas 48% dos produtos *in natura* têm origem em British Columbia e estima-se que dentre os produtos processados a proporção seja ainda menor (METRO VANCOUVER, 2011). O maior exportador destes alimentos é os Estados Unidos. Somente em 2010, esse país foi responsável pela exportação de 67% dos vegetais consumidos pela população de British Columbia, sendo que metade desses tiveram origem no estado da Califórnia (MANSFIELD, 2014).

Por outro lado, na cidade de Vancouver têm sido presenciadas algumas ações efetivadas pela sociedade civil que visam contribuir para a superação desses problemas. São exemplos: i) 12 mercados de produtos locais, que possuem dentre os seus objetivos

a intenção de criar novos canais de comercialização para produtores locais e fornecer alimentos frescos e saudáveis para a população urbana (WITTMAN; BECKIE; HERGESHEIMER, 2012); ii) 97 hortas e 18 pomares comunitários, que contribuem com o acesso da população a frutas e verduras. Eles são organizados em terrenos públicos, comerciais, residenciais ou baldios e possuem diferentes métodos de funcionamento (KJÆRÅS, 2012); iii) 69 cozinhas comunitárias e outros.

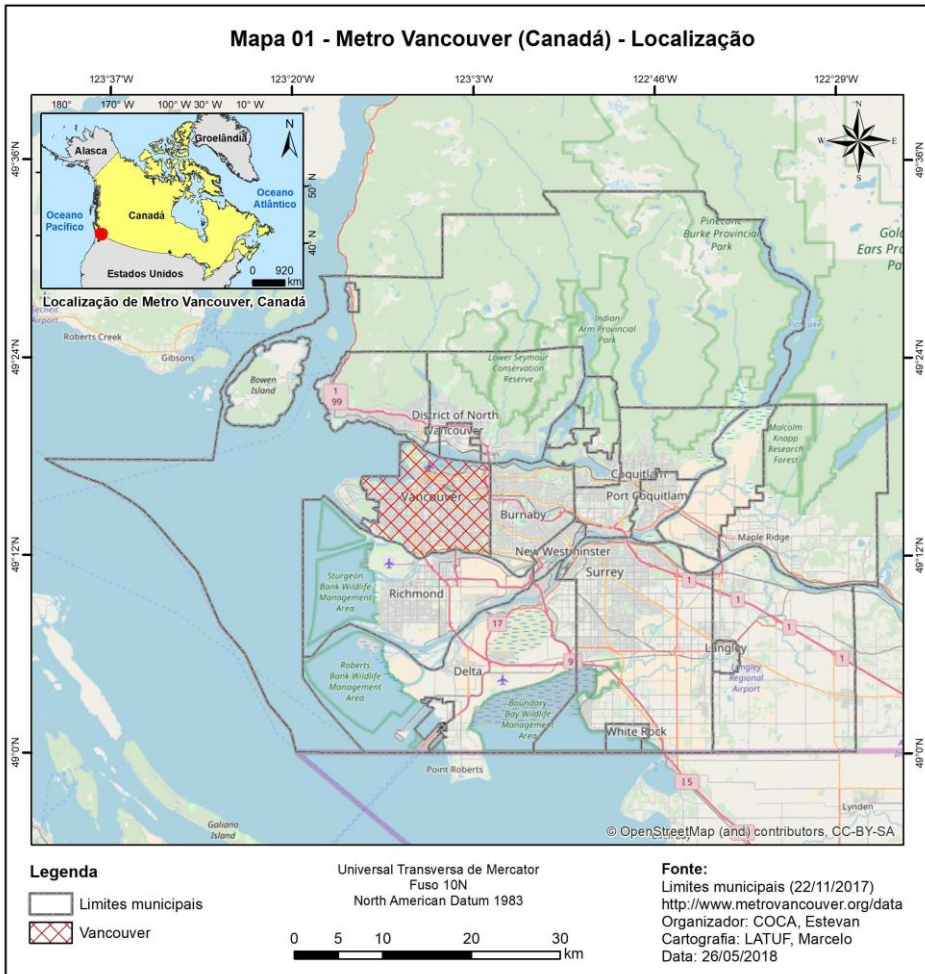


Figura 01. Vancouver (Canadá) – Localização.

Vale ressaltar ainda que a cidade de Vancouver possui como objetivo ser considerada a mais verde do mundo até o ano de 2020. De acordo com o ponto 10 do documento *Greenest City – 2020 Action Plan* (A Cidade Mais Verde - Plano de Ação

para 2020) essas iniciativas que têm sido desenvolvidas pela sociedade civil com o intuito de modificar o sistema alimentar local são fundamentais para atingir tal objetivo (CITY OF VANCOUVER, 2012). Mesmo assim, a contribuição do Poder Público ainda é insignificante para que elas sejam efetivadas, ou seja, a maior parte delas surge e é sustentada fora do corpo administrativo do Estado (FODOR, 2011).

De tal modo, consta-se que o sistema alimentar de Vancouver é caracterizado por tensionamentos entre o modelo convencional de produção, transporte, comercialização, consumo e descarte de alimentos, o qual é fortemente influenciado pelas grandes corporações transnacionais e iniciativas alternativas implementadas pela sociedade civil. Tendo essas referências, na sequência consta uma análise da relação entre as hortas escolares e a “segunda geração” da soberania alimentar.

A contribuição da sociedade civil para as hortas escolares em Vancouver

Uma das ações implementadas pela sociedade civil de Vancouver visando contribuir com a remodelagem do sistema alimentar local remete às hortas escolares. Como parte da discussão sobre a “segunda geração” da soberania alimentar, nessa parte destaca-se como os principais responsáveis para sua implementação têm sido ONGs que possuem por finalidade promover a agricultura local e incentivar o consumo crítico de alimentos por parte do público infantil. Não obstante isso, elas também despertam o interesse e o apoio de pais de alunos, acadêmicos e outros.

Nos últimos anos têm emergido diversas ações nomeadas como *Farm to School* (da Fazenda para Escola – F2S) na América do Norte. Elas possuem em comum o objetivo de conscientizar os alunos acerca de problemas relacionados ao modelo convencional de produção e consumo de alimentos (IZUMI; ALAIMO; HAMM, 2010; IZUMI; WRIGHT; HAMM, 2010; VALLIANATOS; GOTTLIEB; HAASE, 2004; VOGT; KAISER, 2008). Em British Columbia essas ações são articuladas pela rede *Farm to School BC* (F2S BC), que possui por objetivos:

Possibilitar que as crianças tenham acesso a alimentos frescos, locais, nutritivos, saudáveis e culturalmente apropriados enquanto estão na escola. Os programas *Farm to School* visam melhorar a nutrição dos estudantes e prover a eles oportunidades educacionais sobre alimentos e o sistema alimentar local, ao mesmo tempo em que apoia os agricultores locais e a economia alimentar local (PHABC, 2013, p.2, tradução nossa).

Atualmente, a rede F2S BC está presente em 99 escolas de British Columbia, sendo que dessas 22 pertencem a cidade de Vancouver. Além dessas, também existem outras que estão vinculadas indiretamente a essa rede, como destacado no depoimento a seguir.

O *Farm to School BC* é uma rede; nós temos vínculo com as escolas que financiam [o projeto], mas também temos conexões

com escolas que não o financiam. Alguns estão executando sua própria versão do *Farm to School* para programas escolares e se auto identificam como *Farm to School BC* [...]. Há muito trabalho acontecendo em escolas de British Columbia que está ligado à Educação Alimentar, ou alguma coisa como horticultura com estudantes, ou culinária com estudantes. ou somente o ensino sobre o sistema alimentar, sobre o que está acontecendo em nível regional [...]. Então, nós estamos querendo alcançar e manter contato com essas escolas e estas iniciativas a nível regional que estão fazendo parte deste trabalho e visamos convidá-los a aderir à rede para construir um movimento mais unificado, que está acontecendo a nível provincial [...] (V. P. Coordenadora da rede F2S BC e Representante Provincial da rede F2CC - Vancouver - 18/06/2015, tradução nossa).

Vale ressaltar ainda que, apesar de ter como foco as escolas públicas, a rede F2S BC é uma proposição da sociedade civil. Ela é organizada por uma ONG intitulada *Public Health Association of British Columbia* (Associação de Saúde Pública da Colúmbia Britânica - PHABC), que recebe fundos de instituições públicas e particulares para implementar ações que visam contribuir com a saúde pública em BC.

Dentre os diversos projetos que são efetivados pela rede F2S BC na cidade de Vancouver, para efeito desse trabalho merecem destaque as hortas escolares, pois elas são exemplos de ações que visam fazer dos espaços urbanos vetores de mudanças no sistema alimentar local. Ou seja, tais ações trazem valiosa contribuição para se entender a “segunda geração” da soberania alimentar.

Faz-se mister frisar que, no Canadá, o gerenciamento do sistema educacional se dá em âmbito provincial. Sendo assim, as escolas públicas de Vancouver são regidas pelo *BC Ministry of Education* (Ministério de Educação de BC). Ele atua através de *60 school boards* (conselhos escolares), que possuem por finalidade aplicar os fundos públicos destinados à educação conforme estratégias pré-determinadas em nível provincial. As 119 escolas públicas de Vancouver compõem o *Vancouver School Board*. Como parte da proposta da cidade de Vancouver de ser considerada a mais verde do mundo até 2020 – fato já abordado anteriormente – o *Vancouver School Board* tem por objetivo se tornar o distrito escolar mais verde da América do Norte nesse mesmo período. Para isso, ele pontua as hortas escolares como ações que devem ser incentivadas pelos gestores escolares, pois são meios pelos quais as escolas podem garantir a sustentabilidade (VANCOUVER SCHOOL BOARD, 2010). Aproveitando essa abertura, a rede F2S BC tem contribuído para a implementação de hortas escolares em Vancouver para que elas sirvam tanto para a oferta de alimentos frescos e saudáveis para os alunos como também como ferramentas pedagógicas por meio das quais visa-se integrar elementos do Currículo Escolar de BC com o alimento.

A importância disso tem sido percebida no *Learning Lab*² (Laboratório de Aprendizagem) que tem sido efetivado pela ONG *Farm Folk City Folk* (Galera do Campo e Galera da Cidade) em parceria com a rede F2S BC e com o *Vancouver School Board*, tendo por intenção aumentar o consumo de produtos locais por escolas públicas da cidade de Vancouver.

[...] essas hortas são espaços de aprendizagem. Assim, a produção de alimentos muitas vezes é feita pelos alunos que vêm para a horta como parte de suas aulas de matemática, de ciências ou arte para trabalhar lá fora, e nós vemos que eles gostam. Em seguida, o alimento que é cultivado, muitas vezes é vendido de volta para as cantinas. Portanto, temos um grande impulso agora para o *Vancouver School Board* para aumentar tanto o número de hortas escolares como a quantidade de produtos, oriundos delas, adquiridos pelas cantinas (A. C. Gerente de Parcerias Estratégicas e Desenvolvimento do *Farm Folk City Folk* - Vancouver - 16/06/2015, tradução nossa).

Desse modo, percebe-se que as hortas escolares têm contribuído para que as escolas se tornem menos dependentes dos grandes fornecedores de alimentos como Sysco e a *Gordon Food Services* (Serviços Alimentares Gordon), pois elas proveem parte das frutas e verduras que são consumidos pela comunidade escolar. Ou seja, além de serem ferramentas pedagógicas, elas também contribuem com o aumento do consumo de produtos cultivados na escala local, fato que como apontado em diversos estudos recentes, traz contribuições econômicas e ambientais (EDWARDS-JONES et al., 2008; WEBER; SCOTT, 2008, dentre outros).

Os benefícios das hortas escolares que fazem parte de ações da rede F2S BC também são pontuados no depoimento de B.M., que além de diretor da ONG *BC Food Systems Network* (*Rede de Sistemas Alimentares de BC*) também é professor:

As hortas escolares têm uma contribuição importante... eu digo isso por experiência própria, elas são a melhor maneira de ensinar uma série de coisas [...] é muito mais divertido do que dizer como a vitamina “A” vem de cenouras, e que por isso, você deve comer mais cenouras [...] (B. M. Diretor da BC Food Systems Network e Educador - Vancouver - 07/08/2015).

Assim, percebe-se que as hortas escolares são utilizadas como ferramentas por meio das quais os professores podem incentivar os alunos a desenvolverem uma postura crítica quanto ao consumo de alimentos. Isso se faz importante porque o cada vez maior

² O *Learning Lab* possui é uma espécie de grupo focal. Nele, são reunidos *stakeholders* que atuam sobre um tema específico para que eles discutam objetivos, estabeleçam metas e proponham planos concretos após um alinhamento das expectativas. Essa dinâmica é recorrente dentre os modelos de *Farm to School* e tem a dupla função de averiguar o sucesso já obtido e direcionar a trajetória futura (F2CC, 2014).

consumo de *junk foods* (comidas pesadas) pelo público infantil (SCHLOSSER, 2001) tem trazido problemas de saúde pública como a diabetes tipo 1 e a obesidade (STUCKLER; NESTLE, 2012).

Para ilustrar esse método de trabalho da rede F2S BC, na Figura 02 é apresentada a horta urbana da *Trafalgar Elementary School*, que possui cerca de 500 alunos. Nela são cultivados alho-poró, batata, couve, acelga, cenoura, beterraba, salada verde, alho, salsa e coentro. Com esses produtos são preparados pratos como sopas, tortas e saladas.



Figura 02. Vancouver - Horta Urbana da *Trafalgar Elementary School*
Fotografia do autor (2015)

Além da rede F2S BC, outra importante referência para o entendimento da contribuição que as hortas escolares de Vancouver têm trazido para a implementação da “segunda geração” da soberania alimentar é a ONG *Fresh Roots* (Raízes Frescas), que compõe a *Vancouver Urban Farming Society* (Sociedade de Agricultores Urbanos de Vancouver). O *Fresh Roots* foi criado no ano de 2008 por um grupo de pessoas que tinha por intuito ampliar o número de experiências de agricultura urbana em Metro Vancouver, especialmente em pequenos espaços inutilizados. Ele possui 17 fontes de recursos, incluindo instituições públicas, instituições privadas e pessoas físicas. Todavia,

vale ressaltar que, além dessas doações, ele também possui como fonte de renda a venda de produtos que são cultivados nas hortas por ele administradas nas próprias escolas públicas. “75% do nosso financiamento vem de doações e 25% vem de vendas de alimentos. Assim, as vendas de alimentos realmente contribuem para o trabalho que o *Fresh Roots* realiza” (M. S. Diretor do *Fresh Roots* - Vancouver - 18/08/2015, tradução nossa). As características do *Fresh Roots* são as seguintes:

Nós efetivamos nossa missão através da comercialização de produtos das hortas escolares, onde a comida que nós cultivamos é vendida na comunidade escolar: para o refeitório, programas de acesso ao alimento e aos nossos vizinhos. Nós facilitamos a aprendizagem experiencial ao ar livre com professores e alunos, orientamos líderes jovens através do nosso clube da horta e cursos de verão; e capacitamos *Vancouverites* a cultivar seu próprio alimento através de nossos programas de voluntariado. O *Fresh Roots* também trabalha com organizações para desenvolver suas próprias hortas e programas de compartilhamento de hortas. Nós somos um líder de pensamento em sistemas alimentares mudança institucional e da aprendizagem experiencial ao ar livre (FRESH ROOTS, 2015, tradução nossa, não paginado).

Em sua primeira fase, o *Fresh Roots* formou oito hortas urbanas na periferia de Vancouver. Essas eram fomentadas com compostagens preparadas com restos de mercados de produtos locais que ocorriam naquela cidade. O primeiro trabalho junto a escolas data de 2010. Naquela oportunidade, uma *elementary school* de Vancouver convidou essa ONG para administrar sua horta, pois esta estava inativa, sendo frequentada por andarilhos e usuários de drogas. Os membros do *Fresh Roots* aceitaram a proposta desde que lhes fosse permitido comercializar parte da produção para que assim, eles pudessem cobrir os gastos com a manutenção da horta. Com pouco tempo essa parceria se consolidou e a horta escolar passou a ser uma referência para alunos e professores. Em 2013 o *Fresh Roots* estabeleceu uma parceria com o *Vancouver School Board* para que essa experiência fosse aplicada também em outros colégios como o *Vancouver Technical Secondary School*, o *David Thompson Secondary School* e o *Queen Alexandra Elementary School*. Além de comporem refeições oferecidas nas escolas, os produtos cultivados nas hortas administradas pelo *Fresh Roots* são comercializados em duas *grocery stores* (pequenos mercados), quatro restaurantes e seis pontos de venda móveis.

Nesses termos, o *Fresh Roots* apoia-se nas hortas escolares para ampliar suas experiências de agricultura urbana em Vancouver. Essas hortas servem como fonte de alimentos frescos e saudáveis tanto para os alunos das próprias escolas onde elas são efetivadas como para a comunidade de Vancouver.

Como forma de exemplificar o trabalho do *Fresh Roots*, na Figura 03 constam algumas imagens da horta urbana da *Vancouver Technical Secondary School*. Nesse espaço que possui mais de 1.000 m² são produzidas dezenas de frutas e vegetais.



Figura 03 - Vancouver - Horta Urbana da Vancouver Technical Secondary School.
Fotografia do autor (2015).

Esses exemplos deixam clara a contribuição da sociedade civil para a efetivação das hortas escolares na cidade de Vancouver. Por eles, percebe-se que como parte das ações que visam fazer com que as cidades deixem de ser apenas consumidoras de alimentos, mas também produtoras, as escolas exercem um papel de grande relevância.

Considerações finais

Devido ao fato de que o Direito Humano à Alimentação não tem sido garantido a milhares de pessoas, em diversas partes do mundo (CLAEYS, 2015; MCMICHAEL, 2015), a proposta alternativa de soberania alimentar tem despontado como uma possibilidade de amenizar alguns dos efeitos negativos que estão relacionados a isso. Em sua “segunda geração”, a soberania alimentar tem destacado não só as péssimas condições a que estão submetidos milhares de pequenos produtores em países pobres, como também a necessidade de se remodelar as políticas de acesso ao alimento nos centros urbanos.

Nessa perspectiva, o presente trabalho destacou como hortas escolares em Vancouver, no Canadá, têm contribuído para que as cidades sejam além de espaços de consumo de alimentos, também produtoras dos mesmos. Além de contribuírem com a melhoria da alimentação dos estudantes, devido ao maior consumo de frutas e vegetais, elas também servem como ferramentas pedagógicas. Isso porque, como “laboratórios a céu aberto”, nelas podem ser aplicados vários dos conteúdos do Currículo Escolar de BC.

Evidentemente, essas experiências ainda se caracterizam como fatos pontuais no sistema alimentar de Vancouver, ou seja, as grandes corporações ainda exercem seu domínio sobre a produção, o transporte, a comercialização, o consumo e o descarte de alimentos. Todavia, elas pontuam um processo em constante expansão, onde na inoperância do Estado, grupos de sociedade civil visam construir caminhos alternativos para o gerenciamento dos sistemas alimentares locais.

Referências

AKRAM-LODHI, A. H. Accelerating towards food sovereignty. *Third World Quarterly*, Londres, v. 36, n. 3, p. 563-583, 2015.

ALKON, A. H. Food justice, food sovereignty and the challenge of neoliberalism. FOOD SOVEREIGNTY : A CRITICAL DIALOGUE (INTERNATIONAL CONFERENCE). *Anais...* New Haven: ISS-Agrarian, Food & Environmental Studies (AFES), Initiatives in Critical Agrarian Studies (ICAS), Transnational Institute (TNI), Institute for Food and Development Policy/Food First, Land Deal Politics Initiative (LDPI), The Journal of Peasant Studies, 2013.

ALONSO-FRADEJAS, A. et al. Food sovereignty: convergence and contradictions, conditions and challenges. *Third World Quarterly*, London, v. 36, n. 3, p. 431-448, 2015.

ANDERSON, M. The role of US consumers and producers in food sovereignty. FOOD SOVEREIGNTY : A CRITICAL DIALOGUE (International Conference). *Anais...* New Haven: ISS-Agrarian, Food & Environmental Studies (AFES), Initiatives in Critical Agrarian Studies (ICAS), Transnational Institute (TNI), Institute for Food and Development Policy/Food First, Land Deal Politics Initiative (LDPI), The Journal of Peasant Studies, 2013.

ANDREE, P. From food security to food sovereignty in Canada: resistance and authority in the context of neoliberalism. In: ANDRÉE, P. et al. *Globalization and food sovereignty: global and local change in the new politics of food*. Toronto: University of Toronto Press, 2014a.

ANDRÉE, P. et al. *Globalization and food sovereignty: global and local change in the new politics of food*. Toronto: University of Toronto Press, 2014b.

BRAMHAM, D. Who will feed Vancouver's 2,000 hungry school kids? *Vancouver Sun*, 2015.

CITY OF VANCOUVER. *Greenest city: 2020 action plan*. Vancouver, 2012

CLAEYS, P. From food sovereignty to peasants' rights: an Overview of claims over the last 20 years. FOOD SOVEREIGNTY : A CRITICAL DIALOGUE (International Conference). *Anais...* New Haven: ISS-Agrarian, Food & Environmental Studies (AFES), Initiatives in Critical Agrarian Studies (ICAS), Transnational Institute (TNI), Institute for Food and Development Policy/Food First, Land Deal Politics Initiative (LDPI), *The Journal of Peasant Studies*, 2013.

CLAEYS, P. The right to food : Many developments , more challenges. *Canadian Food Studies*, Waterloo, v. 2, n. 2, p. 60–67, 2015.

CLARK, P. Food sovereignty, post-neoliberalism, campesino organizations and the State in Ecuador. FOOD SOVEREIGNTY : A CRITICAL DIALOGUE (International Conference). *Anais...* New Haven: ISS-Agrarian, Food & Environmental Studies (AFES), Initiatives in Critical Agrarian Studies (ICAS), Transnational Institute (TNI), Institute for Food and Development Policy/Food First, Land Deal Politics Initiative (LDPI), *The Journal of Peasant Studies*, 2013.

CONDON, P. M. et al. Agriculture on the edge: strategies to abate urban encroachment onto agricultural lands by promoting viable human-scale agriculture as an integral element of urbanization. *International Journal of Agricultural Sustainability*, Essex, v. 8, n. 1, p. 104-115, 2010.

De SCHUTTER, O. Food democracy South and North: from food sovereignty to transition initiatives. *Open Democracy*, 2015. Fonte: <<https://www.opendemocracy.net/olivier-de-schutter/food-democracy-south-and-north-from-food-sovereignty-to-transition-initiatives>>. Acessado em: 16 sep. 2015.

DESMARAIS, A. A. The gift of food sovereignty. *Canadian Food Studies*, Waterloo, v. 2, n. 2, p. 154-163, 2015.

ECONOMIST INTELLIGENCE UNIT. *A summary of the liveability ranking and overview*. Londres, 2015.

EDWARDS-JONES, G. et al. Testing the assertion that “local food is best”: the challenges of an evidence-based approach. *Trends in Food Science and Technology*, Colney, v. 19, n. 5, p. 265–274, 2008.

FARM TO CAFETERIA CANADA (F2CC). *Learning Labs*, 2014.

FODOR, Z. *People systems in support of food systems: the neighborhood food justice network movement in Vancouver, British Columbia*. 2011. Dissertação (Mestrado em Artes e Planejamento). University of British Columbia.

FOOD BANKS CANADA. *Hunger count 2014*. 2014.

FORUM FOR FOOD SOVEREIGNTY. *Declaração de Nyéléni*, 2007.

FRESH ROOTS. *Our story*. Fonte: < <http://freshroots.ca/>>. Acessado em: 15 sep. 2015.

GIBB, N.; WITTMAN, H. Parallel alternatives: Chinese-Canadian farmers and the Metro Vancouver local food movement. *Local Environment*, Boston, v.8, n. 1, p. 1-19, 2012.

HOLT-GIMÉNEZ, E.; SHATTUCK, A. *Agrofuels and food sovereignty: another agrarian transition is possible*. Oakland, 2008.

HOLT-GIMÉNEZ, E. Food security, food justice, or food sovereignty. *Food First - Backgrounder*, Oakland, v. 16, n. 4, 2010.

IZUMI, B. T.; WRIGHT, D. W.; HAMM, M. W. Farm to school programs: Exploring the role of regionally-based food distributors in alternative agrifood networks. *Agriculture and Human Values*, Dordrecht, v. 27, n. 3, p. 335–350, 2010a.

IZUMI, B. T.; WRIGHT, D. W.; HAMM, M. W. Market diversification and social benefits: Motivations of farmers participating in farm to school programs. *Journal of Rural Studies*, Aberystwyth, v. 26, p. 374-382, 2010b.

KJÆRÅS, K. E. A. *Planning for urban sustainability: a case study of urban farming in Vancouver as an urban sustainable and ecological resilient practice*. 2012. Dissertação (Mestrado in Geografia). University of Oslo.

MANSFIELD, B. *Wake up call: California drought & B.C.'s food security*. Vancouver: Vancity, 2014.

McMICHAEL, P. The power of food. *Agriculture and Human Values*, Dordrecht, v. 17, p. 21-33, 2003.

McMICHAEL, P. A comment on Henry Bernstein's way with peasants, and food sovereignty. *The Journal of Peasant Studies*, Kortenaerkade, v. 42, n. 1, p. 193-204, 2014.

McMICHAEL, P. The right to food and politics of knowledge. *Canadian Food Studies*, Waterloo, v. 2, n. 2, p. 52-59, 2015.

METRO VANCOUVER. *Regional Food System Strategy*. Vancouver, 2011.

NEWMAN, L.; POWELL, L. J.; WITTMAN, H. Landscapes of food production in agriburbia: Farmland protection and local food movements in British Columbia. *Journal of Rural Studies*, v. 39, p. 99-110, 2015.

PATEL, R. C. Food Sovereignty : power, gender , and the right to food. *Plos Medicine*, São Francisco, v. 9, n. 6, p. 1-4, 2012.

PHABC - PUBLIC HEALTH ASSOCIATION OF BC. *Farm to School* : stories from the field in Greater Vancouver. Vancouver, 2013.

ROBBINS, M. J. Exploring the "localisation" dimension of food sovereignty. *Third World Quarterly*, London, v. 36, n. 3, p. 449-468, 2015.

SCHANBACHER, W. Conceptualizing the human right to food in the food sovereignty framework. FOOD SOVEREIGNTY: A CRITICAL DIALOGUE (International Conference). *Anais...* New Haven: ISS-Agrarian, Food & Environmental Studies (AFES), Initiatives in Critical Agrarian Studies (ICAS), Transnational Institute (TNI), Institute for Food and Development Policy/Food First, Land Deal Politics Initiative (LDPI), *The Journal of Peasant Studies*, 2013

SCHIAVONI, C. The global struggle for food sovereignty: from Nyéléni to New York. *Journal of Peasant Studies*, Kortenaerkade, v. 36, n. 3, p. 682-689, 2009.

SCHLOSSER, E. *Fast food nation*: what the all-American meal is doing to the world. London: Penguin, 2001.

STUCKLER, D.; NESTLE, M. Big food , food systems , and global health. *Plos Medicine*, San Francisco, v. 9, n. 6, p. 4-7, 2012.

VALLIANATOS, M.; GOTTLIEB, R.; HAASE, M. A. Farm-to-School: Strategies for Urban Health, Combating Sprawl, and Establishing a Community Food Systems Approach. *Journal of Planning Education and Research*, Atlanta, v. 23, n. 4, p. 414–423, 2004.

VANCOUVER SCHOOL BOARD. *Sustainability framework for the Vancouver School Board*. Vancouver, 2010.

VOGT, R. A.; KAISER, L. L. Still a time to act: a review of institutional marketing of regionally-grown food. *Agriculture and Human Values*, Dordrecht, v. 25, n. 2, p. 241–255, 2008.

WEBER, C. L.; SCOTT, H. Food-miles and the relative climate impacts of food choices in the United States. *Environmental Science & Technology*, Berkeley, v. 42, n. 10, p. 3,508-3,513, 2008.

WITTMAN, H. Reworking the metabolic rift: La Via Campesina, agrarian citizenship, and food sovereignty. *Journal of Peasant Studies*, Kortenaerkade, v. 36, n. 4, p. 805–826, 2009.

WITTMAN, H.; BECKIE, M.; HERGESHEIMER, C. Linking local food systems and the social economy? future roles for farmers' markets in Alberta and British Columbia. *Rural Sociology*, Iowa, v. 77, n. 1, p. 36-61, 2012.

WITTMAN, H.; BLESCH, J. Food sovereignty and Fome Zero: connecting public food procurement programs to sustainable rural development in Brazil. *Journal of Agrarian Change*, Malden, 2015.

WITTMAN, H.; DESMARAIS, A. A.; WIEBE, N. *Food sovereignty: reconnecting food, nature & community*. Black Point: Fernwood/Food First, Nova Scotia, 2010.

Estevan Leopoldo de Freitas Coca

Professor Adjunto A da Universidade Federal de Alfenas (Unifal) – Instituto de Ciências da Natureza (ICN). É doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de Presidente Prudente-SP, com período sanduiche no Institute for Resources, Environment and Sustainability (IRES), da Faculty of Land & Food Systems, da University of British Columbia (UBC), em Vancouver, no Canadá.

Instituto de Ciências da Natureza, Universidade Federal de Alfenas, Avenida Jovino Fernandes Salles - de 2490/2491 ao fim Santa Clara 37133840 - Alfenas, MG - Brasil

E-mail: estevan.coca@unifal-mg.edu.br.

Ricardo Barbosa Jr

Mestrando em Geografia da University of Calgary, Canadá. É bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Foi Estagiário de Pesquisa Mitacs Globalink na University of British Columbia (UBC), em Vancouver, no Canadá.

Room 448 Earth Sciences Building, Department of Geography, University of Calgary 2500, University Dr. NW, Calgary AB, T2N 1N4, Canadá

E-mail: ricardo.barbosajr@ucalgary.ca.

Recebido para publicação em janeiro de 2017

Aprovado para publicação em julho de 2017